



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8331 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

ACERVOS E PRÁTICAS DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS – ANPED/ 2000 A 2020

Úrsula Gabriela Dantas de Menezes - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Denise Maria de Carvalho Lopes - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ACERVOS E PRÁTICAS DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS – ANPED/ 2000 A 2020

1 INTRODUÇÃO

A fantasia está presente em nossas vidas, desde cedo, em diversas atividades e momentos, como, por exemplo, nas brincadeiras infantis, nos devaneios conscientes, nos sonhos, nos contos, fábulas, poesias, textos literários, nos filmes, séries, novelas, desenhos animados ou em outras manifestações culturais. A fantasia faz parte da forma de estarmos no mundo; ninguém consegue viver sem ela, pois não existe ser humano que não se permita viver sem fabular, imaginar, sonhar... Enquanto criação ficcional, a literatura assume grande relevância no processo de constituição dos sujeitos, pois ela nos permite transpor os limites do real e ingressar no universo fabulado, prática tipicamente humana que nos proporciona processos de humanização e, portanto, de educação, de tornar possível a articulação entre realidade e ficção, mundo e texto, experiência individual e coletiva. (CANDIDO, 1995).

Mas, essa dimensão educativa não se confunde com perspectivas didatizantes ou escolarizantes. Para Cândido (1995), precisamos compreender a literatura de forma mais ampla, a partir do seu estatuto estético e artístico, enquanto atividade humana universal, presente em todos os tempos, culturas e sociedades como uma necessidade para a humanização e, por isso, inserida no campo dos direitos humanos indispensáveis, como prática cultural e modo de se relacionar com o mundo e consigo mesmo, mobilizando transformações nas subjetividades.

Se a fantasia é fundamental aos humanos de todas as idades, é na infância que seu lugar é mais crucial, visto que as crianças têm a imaginação e a ludicidade como modos fundamentais de relação com o mundo e de produção de sentidos sobre o que as cerca e sobre si mesmas. Sendo a Educação Infantil a primeira etapa da Educação Básica, com função de promover o desenvolvimento integral das crianças em ação complementar a das famílias e da comunidade, a literatura tem um papel preponderante. Assim, é necessário assegurar, no contexto da Educação Infantil, tempos, espaços, materiais e ações pedagógicas voltadas à promoção de interação entre crianças, desde bebês, com livros de diversos gêneros literários e com qualidade estética socialmente referenciada, em termos de forma e conteúdo, como obra de arte. Esses tempos, espaços e interações, por sua vez, não são desenvolvidos nas instituições de modo natural, imediato – são mediados em práticas pedagógicas desenvolvidas por professores(as) que atuam junto às crianças, com a literatura. Desse modo, o(s) acervo(s) e as práticas têm um papel relevante nas interações das crianças com a literatura.

A partir dessas concepções, o presente trabalho objetiva discutir acerca do que dizem, sobre os acervos e práticas pedagógicas, estudos e pesquisas voltados à temática da literatura no contexto da Educação Infantil. O artigo discute os dados de parte do levantamento bibliográfico desenvolvido no âmbito de uma pesquisa mais ampla, ainda em andamento, que aborda acervos e práticas de e com a literatura no contexto da Educação Infantil tomando, como aporte, concepções de criança, infância, educação infantil, literatura e práticas pedagógicas com a literatura junto com crianças.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL E LITERATURA: ACERVOS E PRÁTICAS

A partir das contribuições de vários campos do saber (Filosofia, Psicologia História, Sociologia, Antropologia) é possível reconhecer a infância como categoria histórica, social e cultural, como tempo vivido por sujeitos concretos, cuja definição tem, como base, tanto aspectos geracionais, vinculados a características biológicas da espécie humana, quanto socioculturais, articuladas a outras dimensões da vida, superando uma perspectiva que a reduz a uma simples etapa de desenvolvimento. Assim, de acordo com Kramer (2007), a infância consiste na condição de ser criança em cada tempo e lugar, envolvendo, além do aspecto etário, aspectos como classe social, raça, etnia, gênero, religião, entre outros.

Nessa perspectiva, a criança é compreendida como sujeito histórico, de direitos, concreto e contemporâneo que se encontra em fase inicial da vida e de desenvolvimento, processo que se realiza mediante as aprendizagens vivenciadas nas relações sociais das quais participa e nas quais se apropria das práticas culturais em relações mediadas pelos outros e

pela linguagem. Nesse processo, as interações e a brincadeira consistem em seus modos fundamentais de relação com o mundo – natural e social – e consigo mesma. Por isso, a fantasia e a imaginação configuram a racionalidade própria que marca os sentidos que elabora sobre a cultura e sua própria produção de cultura, à qual incorpora a dimensão afetiva de suas relações e que se articula aos seus contextos reais de vida. (SARMENTO, 2007).

A Educação Infantil, palco das práticas pedagógicas desenvolvidas para crianças pequenas, conforme Arroyo (1994) é definida em nosso país como a primeira etapa da educação básica, com função pedagógica de educar-cuidar das crianças de zero a cinco anos e que historicamente vem se constituindo como espaço adequado, em termos materiais, pedagógicos, culturais, sociais e humanos, para a promoção do desenvolvimento integral das crianças, na medida em que, por meio de suas propostas pedagógicas e seus currículos, pode criar condições para as crianças poderem vivenciar experiências significativas ao seu desenvolvimento pessoal e social.

Por sua natureza e finalidade, portanto, essas instituições precisam oportunizar situações pedagógicas – intencionais e sistemáticas – de interação significativa das crianças, desde bebês, com a leitura literária, considerando a diversidade de gêneros textuais e assegurando o seu estatuto artístico e estético, o que é viabilizado pela constituição de um acervo de qualidade em termos quantitativos e qualitativos, e pelas práticas pedagógicas de mediação desenvolvidas por professores(as) que atuam junto às crianças.

Desse modo, enquanto lugar de humanização, conforme Altamiro (2015, p. 40, tradução nossa) os acervos devem tomar como referência o conceito de “bibliodiversidade”, ou seja, “precisam ter como referência a multiplicidade, devem ser, sempre, pensados em plural. Para que os leitores possam apreciar esses materiais e dediquem a sua atenção e emoções a eles, devemos assegurar que os livros escolhidos sejam de qualidade”. Desse modo, a diversidade aludida envolve, além de multiplicidade e diferenciação, a qualidade dos materiais bibliográficos disponibilizados nos espaços e tempos de compartilhamento de práticas leitoras.

Além disso, é importante que tais espaços sejam acolhedores e permitam que as crianças estabeleçam relações de pertencimento e apropriação. A esse respeito, Sánchez (2015) nos alerta sobre a importância de refletir sobre os critérios de organização, considerando que: os livros devem ser colocados ao alcance das crianças, permitindo a sua exploração de diversas formas, ou seja, de maneira a facilitar a interação das crianças com eles. A autora sugere que precisamos estabelecer métodos de catalogação junto

às crianças, seja por autor, gênero ou tema, para facilitar a sua localização e que, na organização dos livros, suas capas devem ser visíveis aos pequenos. Além da organização do/no espaço, as práticas precisam proporcionar a interação entre adultos e crianças, permitindo que o(s) adulto(s) compartilhe(m) leituras para pura fruição ou desfrute, sem objetivos explícitos de aprendizagem de determinado conteúdo, o que descaracteriza o objetivo da leitura literária. Ao contrário, as situações precisam propiciar o diálogo livre sobre o conteúdo dos textos lidos, que suscitem perguntas e mobilizam a busca-elaboração de respostas, possibilitando uma participação ativa no processo de significação e ressignificação e a produção de sentidos, marcados pela imaginação em sua articulação com a realidade.

Considerando essas proposições, é possível ver que os acervos literários têm um papel fundamental na constituição das interações e experiências que as crianças podem ter com a literatura em seus contextos de vida e de educação, em especial nas instituições de educação infantil que, por sua função social, precisa propiciar, de modo intencional e sistemático, condições de desenvolvimento das crianças em suas múltiplas dimensões. Entretanto, em que pese esse reconhecimento, os acervos – composição e organização-disposição – não têm tido, nas instituições, centralidade nas preocupações de gestores e professores. O que dizem as pesquisas sobre esse tema?

3 ACERVOS LITERÁRIOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

A presente discussão é parte de uma pesquisa mais ampla que se encontra em andamento e consiste em um recorte do levantamento bibliográfico desenvolvido sobre os acervos e as práticas com literatura em contexto de educação infantil. Nossa metodologia adota os princípios da abordagem qualitativa, dialogando com as proposições de Bakhtin para a Pesquisa em Ciências Humanas e com os princípios da abordagem histórico-cultural de L. S. Vigotski, para a pesquisa sobre processos humanos, entendendo que o processo de descrição e interpretação por parte do pesquisador consiste em produção de sentidos que vai sendo (re)construído durante as interações realizadas com os sujeitos nos contextos pesquisados, a partir da análise de situações concretas, dinâmicas, em constante movimento. Desse modo, o “objeto” de estudo não está pronto, acabado, ele se constrói mediante os movimentos do pesquisador em suas relações de pesquisa, assim como não existe isoladamente, mas vincula-se aos contextos onde se encontra.

O recorte focalizado toma, como fonte, os dados de trabalhos já construídos junto ao site da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd), apresentados no Grupo de Trabalho 7 – Educação de crianças de 0 a 6 anos – a partir do ano

2000, quando as reuniões passam a compor o acervo do site. Analisamos trabalhos apresentados em 16 reuniões e encontramos apenas dois trabalhos, cujo foco de análise apresenta relações de proximidade com o nosso objeto: acervos e práticas pedagógicas de/com a literatura infantil no contexto da Educação Infantil.

De partida, registramos a pouca incidência de trabalhos que tematizam os acervos, o que corrobora nossas ideias iniciais emergentes em nossas vivências em espaços educacionais, junto a professores de crianças.

O primeiro trabalho analisado apresentou resultados parciais de um projeto de pesquisa mais amplo e problematizou o processo de composição dos acervos literários do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE) no ano de 2008, ano em que o Ministério da Educação decidiu incluir a Educação Infantil no programa (SILVA e MORAIS, 2008).

A partir de uma discussão sobre concepções de infância e literatura orientadoras do trabalho, as autoras alertam que “quando pensamos em literatura infantil, é importante refletirmos sobre seu processo de produção e sobre seu estatuto de arte literária, mas não podemos deixar de discutir, também, a apropriação que a escola faz desse gênero literário”, ou seja, a forte tendência de escolarização da leitura literária, que vai de encontro ao seu papel primordial como processo de humanização e obra de arte. (SILVA e MORAIS, 2008, p. 5).

Em seguida, as autoras contextualizam o PNBE e apresentam dados importantes sobre a inclusão do segmento da Educação Infantil no referido programa somente no ano de 2008, após 11 anos de discussões e ajustes. A principal hipótese das autoras é “que os títulos inscritos, ano a ano, nas edições desse programa, expressam as tendências da produção editorial brasileira para a criança”. (2008, p. 9).

Segundo as autoras, no ano de 2008, por exemplo, foram inscritas 657 obras literárias, cujas categorias definidas eram: texto em prosa (com 364 obras), texto em verso (com 144 obras) e livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos (com 59 obras). Do total de livros inscritos nas três categorias, apenas 60 foram selecionados, para composição de três acervos com 20 livros cada, e, cada acervo, era composto por livros dessas três categorias (34 na categoria prosa, 17 na categoria versos e 09 na categoria imagem e quadrinhos).

As autoras descrevem o processo de avaliação dos livros – desde a triagem até a aprovação, segundo critérios de qualidade textual, qualidade temática e qualidade gráfica, ressaltando o rigor dos procedimentos – e destacam que durante o processo ficou evidente

como a produção para a educação infantil tem maioria os livros escritos em prosa, em relação a outras categorias.

Esse trabalho apresenta relações de aproximação e distanciamento com o nosso objeto de pesquisa. Aproxima-se, por analisar criteriosamente o processo de composição dos acervos do PNBE/2008, em termos quantitativos e qualitativos, destinados à Educação Infantil. Por sua vez, não focaliza a questão dos acervos nas instituições, considerando sua diversidade, acessibilidade e possibilidades propiciadas às crianças, tanto no que concerne à sua composição – em termos quantitativos e qualitativos – quanto às práticas que o envolvem: desde sua organização, modos como são disponibilizados às crianças nos espaços e tempos, interações e mediações.

O segundo trabalho (MATTOS, 2013) apresentou parte das análises de uma pesquisa de mestrado realizada em uma creche filantrópico-comunitária, localizada em uma comunidade da zona nobre de uma metrópole brasileira e investigou práticas cotidianas de leitura literária desenvolvidas para e com as crianças.

A autora considera que a literatura “por sua natureza dialógica, é lugar de relações entre adultos e crianças, onde são possíveis diálogos que comportem ir além da superfície dos textos”. (MATTOS, 2013, p. 4). A criança, por sua vez, é concebida como sujeito ativo, constituído na e pela linguagem e interações realizadas.

A investigação aborda as práticas de leitura literária das professoras observadas a partir da dimensão do cuidado como ética. Nessa perspectiva, a autora descreve e problematiza algumas cenas registradas, concluindo que a mediação da professora é fundamental para que as crianças interajam com e se apropriem do objeto livro, suas funções e conteúdos, atribuam sentidos às leituras e estabeleçam relações com os textos criando, recriando, imaginando e fantasiando.

As crianças, ao participarem de práticas de leitura, na e pela mediação entre pares e entre os educadores, leitores mais experientes, tecem significados sobre o livro e seus elementos – projeto gráfico, cores, ilustrações, traços e estilos –, compreendem as especificidades do ato de ler-ouvir histórias, descobrem que o livro provoca interlocuções e convida a ações diversas. (MATTOS, 2013, p. 15)

Embora o trabalho não tenha abordado a problemática dos acervos, é possível estabelecer relação de aproximação a nossa pesquisa, uma vez que a autora investigou práticas pedagógicas de mediação da leitura literária e constatou a sua importância para a apropriação das crianças em relação ao objeto livro, ou seja, para que as crianças tenham autonomia para interagir com ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número pouco expressivo de estudos sobre os acervos e práticas de/com literatura infantil na educação de crianças de zero a cinco anos, encontrados no site da ANPEd, diz da relevância de nosso estudo que envolve os acervos e as práticas com a literatura nos contextos de educação infantil, considerando que as reuniões da referida associação são indicadoras do movimento relativo às temáticas de estudo privilegiadas a cada momento, em cada campo de conhecimento. O levantamento bibliográfico, do qual trouxemos um recorte no presente texto, aponta para a necessidade de pesquisas que investiguem a composição dos acervos literários e as práticas pedagógicas que propiciem a interação das crianças pequenas com a leitura literária e o fomento a programas voltados ao estabelecimento de critérios de qualidade para a aquisição de livros literários que mobilizem experiências significativas para as crianças, favorecendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas de interação com a leitura literária.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRO, Alma Carrasco. Escuelas y construcción de acervos: libros de calidad para la primera infancia. In: BRASIL. *Literatura na Educação Infantil: acervos, espaços e mediações*. Brasília: MEC, 2015. 39 a 58p.
- ARROYO, Miguel. O significado da infância. *Anais do Seminário Nacional de Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. – 2ªed – São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 1995.
- KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: MEC/SEB. 2007. 13 a 24p.
- MATTOS, M. Nazareth de Souza Salutto de. *Leitura literária na creche: o livro entre olhar, corpo e voz*. 36ª Reunião Anual da ANPEd. 2013.
- SÁNCHEZ, Edith Sebastiana Corona. Organización de acervos: espacios para los libros y la lectura en la Educación Infantil. In: BRASIL. *Literatura na Educação Infantil: acervos, espaços e mediações*. Brasília: MEC, 2015. 121 a 127p.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. *Infância (in)visível*. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 25-52.
- SILVA, Bruna Lidiane Marques da; e MORAIS, Elaine Maria da Cunha. A constituição de

acervos de literatura infantil para bibliotecas escolares: a escola como mercado e as escolhas editoriais. *31ª Reunião Anual da ANPEd*. 2008

VIGOTSKI, Levi. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Literatura Infantil; Acervos literários; ANPED